



O Estudo da Comunicação em Vilém Flusser¹

Anna de Carvalho CAVALCANTI²

Gabriela Frota REINALDO³

Universidade Federal do Ceará, UFC

RESUMO

Percebendo a Comunicação como um espaço de discussões interdisciplinares, este artigo visa a reconhecer a importância de Vilém Flusser no âmbito das teorias da Comunicação, tendo em vista a atenção que o autor deu ao tema. Um dos fundadores do primeiro curso de Comunicação e o primeiro a formular um programa para a disciplina de teoria da comunicação, Flusser é reconhecido por importantes pesquisadores da Comunicação atual como um filósofo visionário e à frente do seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Comunicologia; Semiótica; Vilém Flusser

INTRODUÇÃO

O perfil do pesquisador de Comunicação insere-se em um campo cada vez mais interdisciplinar. Enquanto lugar de pesquisa, à medida em que as ciências humanas vêm se percebendo cada vez mais próximas entre si, o comunicador vem buscando encontrar mais espaço para seu estudo, enveredando, quando necessário, por outros campos do conhecimento. Assim, seguindo abordagens que atravessam fronteiras disciplinares, alguns pesquisadores em Comunicação vêm buscando definir o curso como um espaço de discussão plural e abrangente, reconhecendo seu lugar em meio às ciências sociais e se firmando cada vez mais entre elas.

Contudo, o que se percebe em boa parte do País é uma tendência à fragmentação dos cursos de Comunicação, que vêm dissolvendo seu conteúdo em áreas específicas de estudo, como publicidade, marketing, jornalismo, assessoria de imprensa etc., criando,

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Estudante do 6º semestre do curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFC. Monitora do Grupo de Estudos Vilém Flusser, orientado pelos professores Drs. Gabriela Reinaldo e Osmar Gonçalves. Email: annacavalcanti@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação da UFC. Email: gabriela.reinaldo@gmail.com



assim, novos cursos e novas áreas de pesquisa. Essa realidade é consequência natural da lógica de mercado que, a partir da necessidade de profissionais mais capacitados em trabalhos cada vez mais específicos, propaga a especialização: muito conhecimento em particularidades e poucas interlocuções com outros conteúdos.

No caso do estudo da Comunicação, a falta de contato com outras ciências e a busca por conteúdos mais específicos acabam comprometendo o desenvolvimento da área, que passa a ser privada de discussões intrínsecas a seu próprio campo de pesquisa. Além disso, essa tendência à fragmentação compromete a profundidade do campo de estudo pois as novas áreas passam a dialogar mais entre si do que com outras – Filosofia, Sociologia, História, Antropologia –, deixando de perceberem-se como parte de um todo maior: o estudo da comunicação, em sua abrangência mais plena.

Diante deste cenário, em que alguns se colocam a favor da interdisciplinaridade e outros tendem à especialização, os terrenos se tornam movediços. Tendo em vista essa perspectiva, para análise do estudo da Comunicação no Brasil, tomo como exemplo o modelo proposto por Vilém Flusser, um dos pioneiros dessa área no País e criador do primeiro curso de Comunicação, em São Paulo. Flusser propõe o estudo da Comunicação a exemplo de sua obra: com uma variedade de abordagens e a inserção de múltiplas áreas de pesquisa, transformando-a em um amálgama de referências e interlocuções.

Apesar de ter criado o curso e a primeira disciplina de teoria da Comunicação no Brasil, Flusser ainda é relativamente pouco conhecido entre os estudantes dessa área. Embora uma parte de sua obra tenha sido escrita em português ou traduzida para essa língua – pelo próprio autor, em alguns casos –, ainda há muitos textos que permanecem sem tradução, contando com a boa vontade de pesquisadores e estudiosos para a transmissão do seu conhecimento.

Tanto aos que conhecem sua obra quanto aos que ainda não tiveram contato, reflete-se a necessidade de retomar o seu pensamento, buscando resgatar ideias que merecem atenção e conhecimento dos estudantes de Comunicação, talvez não apenas por seu pioneirismo, mas pela originalidade e paixão com que foram expostas. É essa realidade que impulsiona a publicação deste artigo, tomando como foco os estudos de Flusser sobre a comunicação ou, em suas palavras, sobre a Comunicologia.



1. Flusser e a criação do primeiro curso de Comunicação

Fugindo dos nazistas, em 1940, Flusser chega ao Brasil, junto à sua esposa, Edith, e seus sogros. Na cidade natal, Praga, deixou toda a memória de sua família, que havia sido dizimada pelo holocausto. Por 15 anos, residindo em São Paulo, Flusser trabalhava em firmas comerciais pela manhã e, à noite, dedicava-se plenamente aos estudos e leituras, sempre de maneira autodidata. Com o tempo, seu desempenho e sua capacidade filosófica levaram-no a participar de reuniões e aulas entre pessoas da alta roda intelectual daquele momento.

Já naturalizado brasileiro, Flusser, em 1959, começa a lecionar na Universidade de São Paulo (USP) e, em seguida, no Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Foi em 1967, na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), que fundou o primeiro curso de Comunicação do Brasil. O projeto, desenvolvido juntamente ao filósofo Miguel Reale, visava formar a estrutura de uma “Escola de ‘Studium Generale’”, conforme explica Flusser em *Bodenlos*, seu livro autobiográfico:

Imaginávamos dois círculos de cadeiras, um científico e o outro humanístico, com a cadeira de teoria de comunicação como ponto de cruzamento. (...) Tal posição da cadeira de teoria da comunicação (que reservei para mim) não apenas lhe conferia função específica, mas provocava determinada definição da própria teoria. Esta: ‘que teoria da comunicação seja metadiscorso de todas as comunicações humanas, de maneira que a estrutura de tais comunicações se torne evidente. (2007, p. 205)

De acordo com o autor, a criação do curso iria dar conta da comunicação de maneira abrangente, englobando tanto as ciências naturais quanto as humanas, traçando um estudo que propunha a interação entre áreas aparentemente difusas, mas que pertenciam ao mesmo âmbito. O programa desenvolvido por Flusser é reconhecidamente interdisciplinar pois dá a possibilidade de serem usadas competências e métodos de outras disciplinas, como a Antropologia, Psicologia, Neurociência, Filosofia e Teoria da Comunicação (HANKE, 2004).

A disciplina de teoria da Comunicação, conforme a proposta de Flusser, serviria como ponto de cruzamento entre diversas áreas, buscando “desautonomizá-las e destecnologizá-las,” por não ser isenta de valor – de caráter unicamente científico –, mas humanística, ou seja, engajada em valores do homem. Nas palavras de Flusser (2007, p.206), a teoria da comunicação visa a superar o saber tecnocrático por um saber engajado no homem.



Visto sob uma proposta abrangente, o campo da Comunicação torna-se ainda mais difuso, trazendo a necessidade de ter fronteiras um pouco mais delimitadas. Para tanto, o autor busca critérios que distingam a comunicação humana de fenômenos de outro tipo. Diferenciando o primeiro por “cultura” e o segundo como “natureza”, Flusser propõe o gesto como o grande diferencial da comunicação provinda do homem. De acordo com a definição do próprio autor, “gestos são movimentos do corpo que expressam uma intenção”⁴ (FLUSSER, 1994, p. 8). Dessa maneira, segundo ele, o gesto seria uma articulação da interioridade humana, feito a partir de uma intenção e como expressão da liberdade. Assim foi definida a totalidade dos gestos humanos, como competência do estudo da teoria da Comunicação.

Flusser dá mais um exemplo da sua “Cross Education” quando indica o campo de competência do estudo, onde são expostos um sem-número de métodos diferentes para a abordagem da disciplina, tais como Fisiologia, Behaviorismo, Sociologia, Psicologia Social, Cibernética, Teoria dos Jogos e Economia. De acordo com ele, o *overlapping* é o mais importante, pois seria feito a sobreposição desses métodos, momento em que, mais uma vez, o estudante iria trabalhar com a confluência de áreas diferentes em busca de um resultado mais significativo e completo para sua pesquisa.

Reconhecendo o poder da mídia e a influência gerada pelos meios de comunicação sobre a disciplina sugerida, Flusser relata um conjunto de esforços feitos, através da formação de grupos de trabalho, para manipular as comunicações que estavam ao redor:

- (a) reestruturação da própria cadeira; (b) reestruturação da dinâmica das próprias aulas; (c) reestruturação da própria escola; (d) reestruturação da imprensa por meus próprios artigos e artigos dos meus alunos; (e) reestruturação de revistas por meus artigos e por revista feita pelos alunos; (f) reestruturação da TV por mim e um grupo de alunos; (g) ação sobre teatro, filme e propaganda comercial por parte dos meus alunos; (h) organização de exposições, mesas-redondas, *happenings* etc. por parte dos meus assistentes; (i) minha tentativa de reestruturar a Bienal de São Paulo (2007, p. 208).

De acordo com o que se percebe ao longo dos nove itens, Flusser propõe uma transformação nos meios midiáticos através do comprometimento próprio e de alguns dos seus alunos. Os esforços são tantos que não deixam de transparecer o empenho e a dedicação com que o Filósofo se dedicava ao tema na época, com verdadeiro intuito de

⁴ “Los gestos son movimientos del cuerpo que expresan una intención” (tradução minha) . Mais à frente trataremos desse assunto.



repensar a Comunicação, buscando recriar novos padrões midiáticos através do seu trabalho e das ideias que compartilhava com seus estudantes.

O desenvolvimento dos esforços empenhados por Flusser foi barrado pela inércia do ambiente e pelas manipulações do sistema vigente, que acabaram superando as energias dispensadas por ele no entrave em questão. Conforme lembra Flusser (2007, p.209), as tendências do grupo visavam a manipular a comunicação no sentido de libertar o receptor da tirania dos canais, e o sistema visava a manipulá-las no sentido de submeter o receptor sempre mais perfeitamente. “Em tal combate desigual ficamos vencido”, relembra. Nesse momento, a crítica de Flusser aos meios de comunicação sugere uma crítica à sociedade e à cultura da época.

Para o Filósofo, os pontos negativos na experiência de engajamento na cadeira “teoria da comunicação” se sobrepuseram aos positivos especialmente pela situação cultural brasileira e pela situação acadêmica do mundo. Em *Bodenlos* (2007), Flusser declara sua “aversão pelo jogo de *status* em que estavam empenhados os colegas” e o desespero que sentia ao ver que a maioria dos seus alunos visavam unicamente ao diploma e à carreira. Dessa forma, pode-se perceber a importância que o autor dava à disciplina proposta, reconhecendo, nas entrelinhas, o quanto os estudos e a pesquisa em Comunicação se perdem quando os cursos e os alunos se voltam de maneira restritiva à prática e à experiência profissional, em descaso à teoria.

Assim, em consequência às condições adversas de ensino juntamente ao golpe militar em plena vigência, Flusser abandonou o seu pensamento idealizador em relação ao Brasil e acabou deixando o País, em 1971. Conforme explica Gustavo Bernardo (1998),

Para ele, o Brasil reservava a esperança de uma civilização nova, transcultural, livre dos mitos da raça e da nação. Fez grandes amigos por aqui, mas foi hostilizado pela ditadura militar e, ao mesmo tempo, patrulhado pela esquerda, com dificuldade de entender seu pensamento, tão fora dos clichês vigentes.

Voltando para a Europa, Flusser vai morar na Itália e, em seguida, viaja para a França e Alemanha, onde encontrou melhores condições para o desenvolvimento do trabalho científico.

2. A Comunicação humana para Flusser: campo teórico

Conforme explicado por Flusser, a teoria da Comunicação é uma disciplina engajada nos valores do homem, ou seja, coloca o ser humano como centro do processo. Em seu livro *Kommunicologie* (1998) – Comunicologia, em tradução para o português –, Flusser propõe sua teoria da Comunicação em caráter de ciência. Conforme explica Hanke (2004), a comunicologia expressa pelo Filósofo, “trata as formas e códigos dessa comunicação, que é definida como processamento, armazenagem e divulgação de informação já existente, assim como a criação de nova informação”. Visivelmente de abordagem interpretativa e, portanto, contrária à teoria da informação, a comunicologia vê o ser humano como animal *symbolicum*, base de todo o pensamento relacionado à comunicação de Flusser.

Em seu livro *O Mundo Codificado*, o autor explica:

A comunicação humana é um processo artificial. Baseia-se em artifícios, descobertas, ferramentas e instrumentos, a saber, em símbolos organizados em códigos. Os homens comunicam-se uns com os outros de uma maneira não ‘natural’: na fala são produzidos sons naturais, como, por exemplo, no canto dos pássaros, e a escrita não é um gesto natural como a dança das abelhas. Por isso a teoria da comunicação não é uma ciência natural, mas pertence àquelas disciplinas relacionadas com os aspectos não naturais do homem, que já foram reconhecidas como “ciências do espírito” (*Geisteswissenschaften*). A denominação americana ‘*humanities*’ expressa melhor a condição dessas disciplinas. Ela indica na verdade que o homem é um animal não natural. Apenas nesse sentido pode-se chamar o homem de um animal social, de um ‘*zoon politikon*’ (FLUSSER, 2007, p. 89).

Para Flusser, o homem é um “animal não natural” pelo seu caráter permanentemente simbólico: todos os seus movimentos ou gestos, conforme o conceito do autor, são produzidos de maneira artificial, ou seja, são carregados de subjetividade, ao contrário do canto dos pássaros ou da dança das abelhas. Assim, os fenômenos humanos são entendidos sob o aspecto simbólico, sendo este inerente à compreensão comunicativa flusseriana. O animal social ou *zoon politikon* reflete o homem enquanto usuário dos símbolos que se organizam em códigos. A possibilidade da comunicação humana se dá através do código e, portanto, essa é a finalidade básica do uso dos artifícios: permitir a interação entre os homens.

De acordo com o Filósofo, o objetivo do mundo codificado é nos fazer esquecer da solidão em que nos encontramos, sem códigos e incomunicáveis. Assim, a comunicação humana tece o véu do mundo codificado, o véu da arte, da ciência, da



filosofia e da religião, ao redor de nós (...) para que esqueçamos nossa própria solidão (FLUSSER, 2007, p. 91). Como parte do mundo codificado estão as mídias, consideradas por Flusser como estruturas de funcionamento de códigos.

Essa noção flusseriana da mídia é abrangente, compreendendo desde a língua, as pinturas de grutas, até as redes atuais. Também o telefone e uma turma de alunos, o corpo e o futebol são considerados mídias, ou seja, permitem o funcionamento de códigos, cada um à sua maneira. O que importa não é a natureza da mídia (como pensa McLuhan), mas a maneira de uso e a articulação do código (HANKE, 2004).

A importância dos meios de comunicação é reconhecida a partir do momento em que Flusser percebe que a mensagem transmitida sempre vai depender da mídia em que ela se insere. Pois, como percebemos a realidade à nossa volta através de mídias, quando a estrutura muda, a maneira de percebermos a realidade também será modificada. Portanto, uma mídia transmite informações sobre a realidade segundo leis próprias (HANKE, 2004, p. 65) e, assim, através de códigos próprios, confere significados diversos a partir de interpretações diversas.

Para Flusser, além da primeira revolução industrial, que modificou a maneira de o homem trabalhar, haveria uma segunda, iniciada pela fotografia e telegrafia. Segundo sua visão e à frente de seu tempo, o Filósofo dizia que a revolução de novos códigos, sugerida pelos computadores, vídeos etc., seria de dimensões comparáveis à chegada da primeira máquina a vapor. Tendo em vista esse processo de mudanças e rupturas, Flusser reconhece a necessidade de uma ciência da comunicação para a análise de toda uma realidade que está por vir, marcada por cada vez mais imagens audiovisuais no lugar de textos. Então, como a tecnologia trata a primeira revolução, a ‘comunicologia’ deveria tratar a segunda, a dos mass media e imagens técnicas’ (HANKE, 2004, p. 66).

Além das mídias, os gestos humanos também são representações dos códigos comunicacionais sugeridos por Flusser. De acordo com o autor, gestos são formas de expressão de uma intenção, ou seja, estão carregados de subjetividade e liberdade. Em sua última obra escrita, *Os gestos: fenomenologia e comunicação*, o autor explica:

Os movimentos corporais específicos que nós realizamos e que observamos ao nosso redor não bastam para entender os gestos. Também é necessário interpretá-los corretamente. Para poder entendê-lo, há que se conhecer o seu significado. É exatamente isso que fazemos continuamente, de forma muito rápida e muito eficaz. Lemos os gestos (...) ⁵ (FLUSSER, 1994, p. 8).

⁵ “No bastan para entender los gestos, esos movimientos corporales específicos que nosotros realizamos y que observamos a nuestro alrededor. También es necesario interpretarlos correctamente. (...) Para poder entenderlo hay que conocer su significado. Exactamente eso es lo que hacemos de continuo, en forma muy rápida e muy eficaz. Leemos los gestos (...) (tradução minha)



Para compreender um gesto, é necessário interpretá-lo enquanto símbolo. Com o objetivo de reafirmar seu pensamento fenomenológico em relação à comunicação do gesto, Flusser (1994, p. 9) critica as ciências humanas quando estas cedem à tendência de reduzir o gesto a algumas explicações causais, desconsiderando, muitas vezes, o aspecto simbólico e o caráter interpretativo dos mesmos. De acordo com o Filósofo, através da investigação da comunicação seria possível elaborar uma teoria interpretativa dos gestos, por meio do caráter semiológico e fenomenológico desta disciplina.

Em *Os gestos: fenomenologia e comunicação*, Flusser diferencia os gestos de escrever, falar, fazer, amar, destruir, pintar, fotografar, filmar, plantar, ouvir música, fumar cachimbo e outros, a fim de decifrá-los e descobrir os seus significados. Assim, o autor reconhece que os gestos do ser humano são básicos e relevantes para a comunicação, que a teoria geral dos gestos se equipara à teoria da Comunicação (HANKE, 2004, p. 68), por sua dimensão comunicativa ser superior às outras dimensões existentes no caso.

3. A importância de Flusser no Brasil

Durante sua estadia no Brasil, Flusser não parecia ter o reconhecimento que começou a ter nos anos após sua morte. Ainda na década de 1990, sua obra voltada para a filosofia da comunicação é praticamente ignorada (MENDES, 1999). Só depois de se mudar para a Europa, em 1971, passou a ganhar mais popularidade, em frequentes viagens para participar de palestras e conferências. Também nessa época, publicou grande parte dos seus livros e, simultaneamente, traduziu alguns para outras línguas – alemão, francês, inglês e português.

Por mais que algumas de suas obras não tenham sido traduzidas para o português, não há motivos para a lacuna dos estudos de Flusser nos cursos de Comunicação do País. Naquela época, conforme Ricardo Mendes (1999) relembra,

Para o público brasileiro, até o mais especializado, o impacto da obra de Flusser na Europa era completamente desconhecido. Os encontros e publicações após sua morte eram ignorados. E, sem a disponibilidade de acesso via Internet, muitos desses eventos provavelmente teriam permanecido no esquecimento no Brasil por mais tempo. Então temos a pergunta: a obra de Flusser teria caído no ocaso?

Hoje, através do apoio de pesquisadores e estudiosos, já contamos com diversos artigos disponíveis na Internet, congressos sobre Flusser e grupos de estudos espalhados em



algumas universidades discutindo o pensamento do Filósofo. Ainda assim, sem inseri-lo na bibliografia das disciplinas de teorias da Comunicação, por exemplo, será dada continuidade ao descaso com sua obra.

Pesquisadores renomados e estudados nos cursos de Comunicação de todo o País, como Lúcia Santaella e Arlindo Machado, já reconheceram a importância de Flusser para a contemporaneidade. Santaella, já em 1999, dizia: “Meu pensamento foi e está profundamente marcado pelas ideias de Vilém Flusser”. Machado (1999) segue a mesma linha:

Dentre os vários pensadores que despontaram no Ocidente nesta segunda metade do século, Vilém Flusser talvez seja aquele cuja importância mais tem crescido ultimamente. (...) Toda essa notoriedade *post mortem* se explica, entre outras coisas, pelo fato de o pensamento de Flusser ser absolutamente certo na análise das mutações culturais e antropológicas que estão ocorrendo no mundo contemporâneo e também o mais convincente na advertência dos riscos que corremos.

Flusser foi “absolutamente certo” nas análises do mundo contemporâneo ainda no século passado, na década de 1980. Considerado um visionário já na época, suas obras refletiam boa parte da realidade vigente.

No livro *A ilusão especular*, Machado é o primeiro a referir-se à *Filosofia da Caixa Preta* numa publicação brasileira, ainda em 1984. Apesar de ser a obra de Flusser mais incensada no Brasil, deve-se levar em conta que sua filosofia não se resumia somente aos estudos da imagem, mas se interessava por questões que tivessem a ver com a condição humana, isto é, que não fossem acessíveis nem pela via do pensamento formal nem pela via da investigação empírica, situando-se, portanto, além da barreira do que pudesse ser conhecido (BERNARDO, 1998).

Tendo em vista o caráter visionário, o reconhecimento da obra por grandes nomes do estudo da Comunicação e a abrangência de seu trabalho, não há motivos para o hiato de Vilém Flusser nos cursos de Comunicação do País.

4. Considerações finais

O nome da autobiografia de Flusser traduz bem sua condição em vida: Bodenlos, do alemão, significa “sem-chão” ou “sem-fundamento”. Ao longo de sua vida, o Filósofo percorreu muitos países e, com facilidade, discursou em diversas línguas,



transmitindo o conhecimento autodidata que adquiriu ao longo de anos de estudo. Referendando seu caráter “bodenlos”, Flusser rejeitava a denominação de filósofo alemão e se dizia “sem terra natal”. Apesar de dificilmente encontrarmos citações em seus textos – daí viria a noção de “sem-fundamento” – o autor deixa interlocuções nas entrelinhas, forçando o leitor a buscar as referências.

Nas palavras de Gustavo Bernardo, um dos principais pesquisadores e organizadores da obra do Filósofo,

Flusser transformou sua condição de vítima, do nazismo e do exílio, em condição modelar, apresentando-se como mensageiro daquele homem novo: um ser nômade e sempre estrangeiro, portanto sem pátria, aberto à diferença e construtor de pontes (lembrando a Ponte Carlos da sua Praga natal). Foram múltiplas as pontes que Vilém tentou estender: entre as diversas línguas que dominava, entre a cultura européia e a cultura brasileira, entre a metafísica da dúvida e a avançada teoria dos novos media.

Versando sobre diferentes temas, sem grandes citações ou referências explícitas, Flusser estava à frente do seu tempo. Reuniu temas pertinentes à comunicação e foi um pioneiro no Brasil, fundando o primeiro curso. No prefácio do livro *Filosofia da Caixa Preta*, o autor diz: “Que me leiam e não me poupem”. Sejam obedientes ao chamado de Flusser.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Gustavo. **A terceira margem do pensamento Brasileiro**. Disponível em: <<http://www.flusserstudies.net/pag/gustavo-bernardo-a-terceira-margem-do-pensamento-brasilei.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2011.

BERNARDO, Gustavo. **Os Gestos de Vilém Flusser**. Disponível em: <<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/flusser34.htm>>. Acesso em: 12 maio 2011.

FLUSSER, Vilém. **Bodenlos: uma autobiografia filosófica**. Revisão técnica de Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **Los gestos: fenomenología y comunicación**. Barcelona: Herder, 1994

_____. **O mundo codificado**. Trad. Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HANKE, Michael. **A Comunicologia segundo Vilém Flusser**. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/viewFile/1396/1180>>. Acesso em: 12 maio 2011.



MACHADO, Arlindo. **Atualidade do pensamento de Flusser**. Disponível em: <<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/flusser42.htm>>. Acesso em: 12 maio 2011.

MENDES, Ricardo. **Pensando a fotografia: (a memória)**. Disponível em: <<http://www.dubitoergosum.xpg.com.br/flusser51.htm>>. Acesso em: 12 maio 2011.

SANTAELLA, Lúcia. **Flusser na virada do milênio**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/54636633/FLUSSER-NA-VIRADA-DO-MILENIO>>. Acesso em: 12 maio 2011.